

Oferta

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INTRODUCCAO.

EMPREHENDENDO a creação de um novo Periodico, vamos, bem o sabemos, tomar sobre nós, em tempos difficeis, uma difficil tarefa: move-nos porém o desejo de sermos uteis ao paiz; e a santidade do desejo desculpa a ousadia da empreza.

De todos os lados se estão alevantando, e vão ou robustecendo pela acção benefica das sympathias publicas, ou morrendo á mingua desta salutar influencia, muitos Periodicos, todos de certo filhos do gosto das boas-lettras, do ardor filantropico e da viva admiração pelas artes e sciencias proveitosas ao bem das sociedades. Esses sentimentos que aos outros teem dado animo para emprender o estudo e o trabalho, são os mesmos que nos fortalecem a nós; estudaremos, trabalharemos tambem, julgar-nos-hemos felizes se em premio das nossas fadigas recolhermos alguma utilidade, por pequena que ella seja.

O futuro hoje representa-se confuso e melancolico: a humanidade vai dobrar um cabo procelloso, além do qual nevoas e sombras estendem um véo impenetravel; mas uma bussola lhe marca o rumo, e um vento rijo lhe incha as vélas; a bussola é a sciencia, e o trabalho e as maquinas dão-lhe o movimento. Empeñemo-nos em ter presente sempre aos olhos de todos a agulha salvadora, acordemos nos homens bons de Portugal o amor do trabalho, ensinemos-lhes os meios de o tornar fecundo, e conseguiremos levar a salvamento esta nau, em que a Providencia nos embarcou.

A immensidade das sciencias moraes, das sciencias phisicas, e das suas applicações industriaes, difficulta muito hoje a redacção de um Periodico, que se não encerre nos limites, ainda assim mui largos, de uma especialidade só: esta delimitação é mesmo, além de variavel, em extremo util, porque só ella consente que cada materia seja tratada com o desenvolvimento de que care-

ce; mas entre nós por em quanto, um Periodico dessa natureza seria impossivel, são pouquissimos os homens especiaes, são muitos e mui diversos os gostos, é mister satisfaze-los a todos.

Só a grande variedade da materia, a diligente erudição de cousas curiosas, e de poucos ainda conhecidas, póde tornar agradavel aos que a lerem uma publicação desta natureza; entretendo sem enfado, tendo sempre em excitação o appetite.

Não nos engana um orgulho vão, porque o não temos: bem sabemos que nos não chegam as forças para satisfazer plenamente a tão difficeis condições, como essas que levamos apontadas. Sorri-nos porém a esperanza de que os nossos esforços nós serão tidos em conta.

Procuraremos intermear o util com o deleitoso; poremos ao lado do processo agricola a poesia amena; ao lado da severidade da historia a facilidade do romance; juntaremos a descripção enfadonha de um novo invento, com a critica agradavel de um novo livro de litteratura; ornaremos as nossas paginas com modellos de maquinas, e com copias de estatuas, ou de quadros celebres; e procuraremos em tudo, e sempre, conservar aquella sisudez e gravidade, que convenha manter quando se escreve para leitores que se respeitam a si, respeitando e procurando conhecer os progressos, que cada dia vae fazendo a intelligencia humana.

Em duas partes se dividirá naturalmente o nosso trabalho: uma puramente scientifica e industrial, a outra particularmente litteraria; mas ambas uniformes no pensamento de popularisar a instrucção.

Na primeira esforçar-nos-hemos por divulgar:

Em agricultura — os methodos novos, aperfeiçoados pela chimica, e pela phisiologia vegetal:

Em industria — os processos que enriquecem o trabalho, que alargam a esfera do commercio, e tornam quasi infinita a fecundidade da producção:



Em economia social — os principios da liberdade do commercio; da liberdade da terra; da associação, e do progressivo aperfeiçoamento das classes laboriosas:

Em instrução publica — a analyse das verdadeas fundamentaes administrativas; a concordancia da sciencia e das artes com as necessidades do trabalho industrial e agricola; a discussão dos melhores systemas, e regras de ensino pratico e popular.

Na segunda parte todo o nosso empenho será fazer populares:

Em critica — as bases em que as sciencias moraes, e a poetica moderna assentaram a regeneração das boas artes:

Em historia — a apreciação das epochas; o quadro resumido da vida politica e social; e a apreciação dos typos, ou individuaes ou collectivos, que representem os factos e as classes:

Em philosophia — a discussão da parte pratica dos systemas; a influencia das idéas religiosas e moraes no estado social; o esboço das revoluções intellectuaes consummadas pelo esforço do engenho humano, verificadas por meio do livro ou da eschola:

Em poezia — a historia pela amenidade do romance; e a nobreza dos sentimentos pela elevação da lyrica, ou pela magestade do poema philosophico.

Firmes na defeza de principios de cuja verdade estamos profundamente convencidos, contamos pelo auxilio das pessoas instruidas e dos amigos do progresso, romper pelas muitas difficuldades, que cercam sempre no seu começo uma empreza desta natureza, e chegar em fim a assentar em bases firmes este nosso Periodico A EPOCA.

João de Andrade Corvo.

Luiz Augusto Rebello da Silva,

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

NECESSIDADE DO EASINO DA AGRICULTURA.

A importancia da agricultura em Portugal é de certo incontraversa; ninguem a desconhece, antes todos a exageram, governos e governados; porém o que ainda nenhum delles tomou sobre si de fazer, foi o estudar seriamente as suas necessidades, e o ver quaes

sejam os meios de lhes dar remedio. É com tudo evidente que em quanto isto se não fizer, não será possível progredir nem aperfeiçoar este ramo principal da nossa industria; e consequentemente dar a prosperidade ao nosso paiz.

Ha porém uma causa do atrazo e dos immensos males da nossa agricultura, que a observação mais superficial deixa notar logo, e que exige prompto remedio; é a ignorancia dos lavradores.

Para bem produzir é preciso produzir com intelligencia, é indispensavel conhecer o maquinismo da produção, avaliar as forças da natureza, e saber aproveitá-las convenientemente. O homem não é uma maquina bruta, um centro de força, é antes de tudo um ente intelligente; todas as vezes que elle applica a sua força physica sem conhecer o fim e a causa porque a applica faz uma acção incompleta, e priva-se da sua mais preciosa faculdade, a faculdade de pensar.

A cabeça deve conduzir o braço no acto da produção; a harmonia entre a força e o pensamento completam o homem; é pois por extremo util, que se ponham de accordo uma com a outra. É isto que se obtém pela instrução.

Ha entre os homens pouco instruidos uma idéa falsa que, por isso mesmo que é muito vulgar se torna perigozissima, e deve ser promptamente destruida: pensam esses homens que a *theoria* é nada, que a *pratica* é tudo.

Esta idéa parece de si impossivel, e com tudo existe, e tem sido origem de grandes males. De feito; quem, pensando maduramente um instante, pode abraçar uma tal idéa? Quem deixará de reconhecer que o pensamento e a execução unidos são as duas forças da vida? Quem duvidará que entre a *theoria* e a *pratica* se não pode elevar barreira alguma: sendo, como é, a *theoria* unicamente a experiencia e a *pratica* condensadas e coordenadas, é a *pratica* sendo a *theoria* ou a idéa que, deixando os limites da abstracção, toma corpo e se manifesta por actos de resultado immediato?

A *pratica* e a *theoria* desprezam-se mutuamente, e com tudo uma não pode existir sem a outra: a força e os progressos daquella são filhos da força e dos progressos desta.

Nem se diga que as applicações repugnam aos homens de sciencia; que as sciencias aterram os homens practicos. As applicações hoje estão elevadas a tão grande altura, é tal a sua importancia, que a ninguem podem repugnar, antes devem atrahir pelo muito que fallam aos sentidos, e ao coração dos homens filantropos. As sciencias tem ido perdendo felizmente esse aparelho assustador de palavras e argucias escolasticas, que as difficultavam sem as tornarem mais uteis: e já se podem ensinar com termos simples e linguagem clara, que a todos as tornem intelligiveis.

É clara a necessidade que ha entre nós, — de que

a theoria se vulgarise e esclareça a pratica, para que a riqueza social augmente: e se em algum ramo ella se torna mais urgente do que nos outros todos, é sem nenhuma duvida na agricultura. É por este modo, e só por elle, que a industria agricola pode na nossa terra subir á altura, a que tem chegado em paizes mais bem dotados pela providencia das circumstancias indispensaveis para o desenvolvimento intellectual do povo.

A historia dos progressos da agricultura não é outra senão a historia destas duas forças, a *theoria* e a *pratica*, caminhando uma para outra, desenvolvendo-se isoladamente, e unindo-se por fim n'um laço estreito, que para logo as robustecen, e engrandeceu a ambas.

Tres periodos conta esta historia, como a das outras sciencias: o primeiro, que pode tomar a denominação de *empirico*, é aquelle em que a sciencia, reduzida apenas a factos mal observados, e generalisados sem discernimento, apresenta estes como principios, sem lhe estudar as relações, sem distinguir os effeitos das causas.

A este seguiu-se um segundo periodo, na epoca em que as sciencias de observação começaram a desenvolver-se, em que alguns factos grupados e associados por espiritos generalisadores deram origem a theorias, pela maior parte falsas: n'este periodo, que se pode denominar *systematico*, a agricultura seguiu o impulso das outras sciencias; ora caminhou com a *chymica*, ora com a *physica*, ora com a *physiologia* vegetal. Então grandes intelligencias se lançaram nas especulações da sciencia agricola, com mais ou menos felicidade: foram os representantes desta epoca em França os Duamées, os Parmentiers, &c.; em Inglaterra appareceu o celebre Davy; ao norte e este da Europa, Einoz, Hermstadt, e Berzelius.

O terceiro periodo, que se pode chamar *positivo*, é o actual, em que a sciencia e a experiencia, a theoria e a practica se uniram e casaram intimamente, dando origem aos fructos mais preciosos, e aos mais maravilhosos resultados para a industria. Foi a Inglaterra, que primeiro trilhou esta feliz estrada; favorecida pela longa paz, de que ha tantos annos tem gozado, esta nação desenvolveu todos os ramos da sua industria, e paralelamente com os outros a agricultura: Bakwell ensinou o modo de modificar e criar as raças de animaes, que o lavrador utiliza: Young e Sinclair desenvolveram e applicaram á cultura da terra todos os methodos de que aquelle paiz tem sabido tirar tão proficuo resultado. A Alemanha acompanhou a Inglaterra, nestes progressos: e a França, occupada com as guerras e as revoluções sociaes, só mais tarde poudé tomar parte neste trabalho.

É a Matheus de Dombasle, que a França deve talvez na maior parte os seus melhoramentos agricolas: poderam mais, para produzir este resultado, as bellas experiencias das quintas-modelos de Roville e de

Grignou, do que todas as theorias abstractas do gabinete ou as practicas isoladas e mal estudadas de muitos annos.

O nosso paiz não acompanhou os outros neste desenvolvimento; parou no primeiro periodo, no periodo empirico, vive ainda hoje da rotina antiga, repetindo as practicas uzadas pelos nossos maiores, a quem falleciam todos os elementos, de que as sciencias naturaes hoje dispõem.

Quando em toda a parte o movimento se propaga: quando os matos incultos, as charnecas estereis, os aridos areaes, os pantanos insalubres, vão caindo debaixo do poder conquistador da agricultura: quando os systemas aperfeiçoados succedem aos velhos systemas rotineiros, e as plantas industriaes tomam logar entre as outras plantas, e os prados cobrem os campos de uma verdura que novas raças de animaes pastam e fecundam; quando uma nova era de prosperidade vae já raiando para os outros povos civilisados; Portugal conserva-se na ignorancia e nas trevas, privado de todos os auxilios, e arroteando um solo, em que pezam ainda restos dos grilhões da meia idade.

No estado em que desgraçadamente nos achamos só meios de instrucção popular, judiciosamente applicados, podem fazer com que recuperemos o tempo perdido. Estes meios de instrucção applicaveis á agricultura são de duas naturezas, directos e indirectos: os primeiros são, as quintas-modelos e as eschololas agricolas; os segundos são, a instrucção primaria, os jornaes e os manuaes. Diremos primeiro alguma coisa a respeito destes, para depois fallarmos dos primeiros.

A relação inevitavel, que sempre se encontra entre o desenvolvimento da agricultura n'um paiz, e o gráo de perfeição da sua instrucção primaria, prova só de si a influencia que uma tem sobre a outra. A instrucção primaria actua na agricultura simultaneamente como effeito e como causa: desenvolvei a instrucção, e o trabalhador dos campos, auxiliando-se da intelligencia nos seus trabalhos, fará prosperar a agricultura; dai impulso á agricultura e os filhos dos lavradores e dos jornaleiros affluirão ás eschololas.

O primeiro passo no caminho que acabamos de indicar, é a creação de eschololas normaes onde se formem mestres, que fiquem conhecendo as boas practicas e os principios fundamentaes da sciencia de cultivar; dando-se depois a esses mestres meios de subsistencia, e premios que os animem ao trabalho.

Este genero de instrucção, para dar todos os fructos de que é susceptivel, precisa ser acompanhada dessa outra que derramam os *Manuaes*, e os *Jornaes agricolas*, que, a nosso vêr, os governos devem sustentar por meio de subsidios e de assignaturas obrigadas.

A pobreza da nossa instrucção, considerada debaixo de todos os pontos de vista, mas sobre tudo do ponto de vista industrial, é de todos reconhecida: é pois

tempo de se remediar um mal, cujos estragos vão crescendo de dia para dia, e tornando-se mais e mais assustadores.

A instrucção primaria — essa pouquissima que temos — ensina ás creanças a leitura e a escripta, mas não lhe dá uma só noção pratica, nem uma idéa de botanica, nem um principio de agricultura.

A instrucção denominada secundaria, emprega-se quasi exclusivamente no ensino de duas linguas mortas, de que poucos conservam idéa passada a epoca de frequentar as eschololas; no ensino de uma logica rancosa e de uma rethorica inapplicavel; ficando os mancebos depois de cursar essas aulas, tão inabilitados como dantes para cuidarem da sua industria, e contribuirem para o augmento da riqueza social.

E' apenas na instrucção superior, que se encontram algumas cadeiras onde se ensinam sciencias de applicação; mas tão abstrata e escolasticamente são ellas ahí ensinadas, que a sua utilidade é quasi nenhuma.

E' porém do ensino pratico, que tudo temos a esperar, é a elle que temos de recorrer, se quizermos que o paiz se não definha, e morra á mingoa de industria.

A riqueza agricola de uma nação é o resultado das forças do solo, da bondade do clima, e da variedade das situações, de que resulta a variedade das culturas. Ninguem mais do que nós possui todos estes elementos de riqueza, ninguem com mais desleixo os desperdiça.

Portugal, ainda que pequeno, admite, pela excellencia do seu clima, e pela variedade da temperatura nas suas diversas regiões, uma multidão de culturas, qual dellas mais lucrativa: nos seus estreitos limites, pode encerrar as plantas septemtrionaes e meridionaes; quasi todas as de que o homem tira utilidade. O Algarve pode ser simultaneamente a nossa America e a nossa India; é uma vasta *estufa* natural, de que poderíamos tirar grande proveito: cada uma das outras provincias pode ser uma fonte de productos inexgotavel, logo que nellas se adoptem os methodos aperfeçoados, e se aproveite essa immensa riqueza de aguas, que ninguem até agora tem sabido apropriar.

Estudar as diferentes regiões, em que naturalmente se divide Portugal, e estabelecer em cada uma uma eschola practica agricola, seria cousa muito para desejar que o governo fizesse. Nem se julgue que nós entendemos que ha necessidade de multiplicar muito estes estabelecimentos: pelo contrario julgamos que quatro, dois nas provincias do norte, e dois nas provincias do sul, e um instituto central em Lisboa, que fosse como o viveiro para alimentar com a theoria as experiencias das quintas-modellos, seriam mais que sufficientes para dar aos lavradores a melhor das instrucções, a que entra pelos olhos.

Não se diga que á criação de tantas eschololas se

oppõe hoje a grande falta de recursos que ha: instituições deste genero não são peizadas ao Estado: ao cabo de poucos annos, quasi dão rendimento bastante para se sustentarem a si, e para alimentarem os melhoramentos, de que continuamente estão carecendo; além de que a sua utilidade é tal, que o thesouro não tem se não a ganhar com ellas.

Ao lado do ensino dos methodos practicos de produzir, deve instituir-se o ensino dos principios economicos da producção, das suas leis naturaes, e do modo moral como as riquezas devem de ser distribuidas: a propagação destes rudimentos da economia das sociedades, apresentados em toda a sua simplicidade, não pode deixar de contribuir para o augmento da riqueza publica.

Por todos estes caminhos, e por outros de que os governos podem sempre dispôr, se pode obter que a producção augmente consideravelmente, e que a civilização dos campos cresça com ella.

Não são de certo sufficientes estes meios para levar ao cabo o sem numero de melhoramentos de que o povo ha mister. Só depois de facilitadas as vias de communicação; de organisados os estabelecimentos de credito, tendo por base a propriedade, livre de todos os embaraços, que ainda hoje pezam sobre ella; é que nós poderemos attingir esse apeteçivel gráu de desenvolvimento intellectual, que é o primeiro passo na estrada do progresso.

É da agricultura que temos tudo a esperar; é ella a principal, a quasi unica fonte de riqueza que hoje em dia nos resta. Mas não lamentemos isto como uma desgraça: esta baze de riqueza publica é menos perigosa do que todas as outras; não a acompanham esses monstros ideondos, que tem por nome, *pauperismo*, *miseria*, e *prostituição*; monstros que até hoje tem desgraçadamente acompanhado os extraordinarios progressos industriaes, que as nações da Europa tem feito neste seculo. Voltemos á agricultura todos os nossos cuidados, fecundemol-a com a liberdade, com a instrucção, com a moral, e com a paz; veremos então que o povo portuguez não terá nada a invejar aos outros povos da Europa.

A agricultura é em Portugal a base de todas as mais industrias: o commercio, as manufacturas, o proprio credito hão de necessariamente soffrer a sua influencia: factos o demonstram, e a demonstração tem sido dura para muitos; a prosperidade commercial e industrial de um paiz, quando não assenta solidamente sobre a agricultura, não é senão a miseria mascarada em luxo; é um corpo sem base, que o menor vento derruba.

O governo portuguez, mais do que nenhum outro, deve empenhar-se em auxiliar por todos os meios os desenvolvimentos agricolas. Se se adoptarem medidas que derramem a instrucção nas massas, que excitem o gosto das empresas de agricultura nos homens poderosos e ricos, e que acordem o espirito fecundo da

associação, muito temos a esperar do futuro. Senão...

O instincto da conservação ha de impedir, que nos deixemos morrer pelo desalento, e pela falta de luz. Teahamos esperança.

DA INSTRUÇÃO E SUAS APPLICAÇÕES.

Não basta decretar um systema politico, é necessario infundil-o no coração dos povos. A letra sem o espirito, mata, não vivifica.

Não se arrancam, a ferro, do corpo social costumes tradicionais; modificam-se para se transformarem.—As crenças erradas, ou perigosas, filhas do convencimento geral, o apostollado da intelligencia é que as desarreiga; e os preconceitos bebidos com o leite da infancia, só pela persuasão suave se debellam. Quem imaginar, que o estado politico pode existir independente de tudo, e dominar pela austeridade do preceito, illude-se, e sacrifica ao orgulho a propria doutrina, de que se proclama confessor, ou de que ás vezes se faz martyr voluntario.

Entre as regras da monarchia pura, e as idéas, que dimanam do governo representativo não ha transacção possivel, nem sympathia logica. Separadas pela indole particular de cada uma, pela completa inversão dos costumes legais, e pela absoluta diversidade de meios, de modos de acção, e existencia, ou se considere a cidade, ou se encare apenas o individuo, poderá nunca adoptar-se a uma, a educação, que a outra creou para si? Pode admittir-se acaso, que destruida a forma politica e as instituições suas auxiliares, a idéa nova, vingue e seja fertil, plantada no estado moral antigo, de que a contraria, mesmo no acaso, tirava força? Quem no affirmasse, sanccionava um paradoxo; equivalia a dizer a Lazaro que se erguesse, sem possuir a virtude do milagre. Se a sociedade não estiver preparada para receber um systema, ou desenvolver um principio, nem o principio, nem o systema fructifica. O coração dos povos está nas mãos de Deus; a omnipotencia da vontade pessoal nunca ha de conseguir na esphera moral, o que fôra loucura no mundo physico.

E tenta um impossivel semelhante o que, invocando em vão o futuro, sem fazer seu o presente, chama por um nome novo gerações que vivem do passado, e cegando-as de luz repentina, as obriga a entrar n'um caminho de que não sabem os passos, para cumprir deveres e desenvolver preceitos, que não conhecem, e não está na sua mão entender por mais que desejem e que façam!

Portugal não se regenerou por transições violentas e seguidas como a França. Não brilhou aqui, a não ser no escondido recanto de algum estudioso, o clarão philosophico do seculo XVIII. Não sentiu nas entranhas o abalço forte, mas saudavel das guerras de seita do seculo XVII. Estava nesse tempo a braços com Cas-

tella, resgatando a independencia patria nas linhas de Elvas e em Montes-Claros. Apenas escutava de longe o ecco dessa guerra de idéas e de paixões, que realisava a fabula da Grecia poetica —fazendo descer a sciencia armada aos campos de batalha—. O seculo de Voltaire, do mesmo modo passou sem nos tocar. A monarchia alliada com o clero não deixou transpor a fronteira a uma philosophia, que preparava a reconstrucção politica pela negação ironica de dezassete seculos de crenças, e de sangue vertido em nome dellas.

D. João III recebeu da Italia a renascença classica, e entregou-a aos Jesuitas com o sceptro da universidade. A famosa companhia, firmou então a dominação temporal, alargando as raizes do seu poder para toda a parte. A escola, o pulpito, o confessorario, e o livro, eram della; e teria desmentido a sua destreza habitual se não fizesse seus igualmente o coração, as idéas, e os costumes da sociedade portugueza. O Marquez de Pombal viu o perigo, quando já estavam sobre a corôa as armas, que se julgavam a favor della.

Dotado do animo frio, e da vontade enxoravel, que fez a gloria de Richelieu, sem o egualar em capacidade, o ministro de D. José I., operador resolutissimo mas cruel, amputou de um golpe a companhia ainda a tempo; banhou de sangue nobre os cadafalsos; e proclamou acima de tudo a omnipotencia do poder real, dando-lhe por defensora a classe media; copiou as regras economicas de Colbert, como imitava as politicas de Richelieu, e riscou assim um edificio novo, cujo cupola devia ser o throno, cuja base era a burguezia, animada e enriquecida por elle, com toda a especie de beneficios, privilegios, e estimulos.

Secularisar o ensino publico era uma necessidade deste duello da corôa com a olygarchia religiosa, e nobiliaria; a reforma dos estudos pelo Marquez de Pombal traduziu em factos um dos mais importantes incidentes da lucta, e nada mais. O seu pensamento foi perseguir a idéa dos Jesuitas nas aulas, como no altar e no pulpito, e para isso traçou no sentido monarchico uma organização mais larga que a anterior, e completa para a epoca, admittindo a leccionar estrangeiros sabios.

A educação classica, como a entendera o imperio romano, e a restaurou a renascença, serviu de base ao ensino geral: a erudicção; as linguas mortas; e as disciplinas de gosto aperfeçoaram-se; só as profissões industriaes, e o estudo pratico dos deveres politicos e sociaes, continuaram nas trevas de uma ignorancia, que aquella forma de governo não podia, ou mais exacto não queria allumiar. O Marquez de Pombal chegou á instrucção classica e deteve a sua carreira. Não a temia, por isso a divulgou; porém não ousou crear o ensino popular, e com elle abranger as classes laboriosas que estavam abaixo da burguezia; e viviam do trabalho industrial, e de officios, que naquelle tempo chamavam «mechanicos», distinguindo-as

assim da nobreza da capa, e de toga, que a classe media recrutava dentre si.

O espirito desta reforma, já se vê que era puramente monarchico; — continuando o poder absoluto, como fôra legado pela tradiçãõ historica, desde D. Manuel até D. João V, significava a sancção de uma victoria, e servia para documento da queda de uma potencia — «a Companhia de Jesus.» O Ministro de El-rei D. José sympathisava com os encyclopedistas quanto á difamação systematica da theocracia monastica, sobre tudo; porém estava muito longe delles nas consequencias rigorosas das doutrinas moraes ou politicas.

Se os philosophos se propagassem em Portugal a ponto de fazerem sombra ao poder absoluto (sua divisa) o Marquez havia de achar no livro 5.º da ordenação applicações fulminantes para os decapitar, como as descobriu para ferir o Duque de Aveiro, invocando a patria, e o padre Malagrida invocando a Deus. De uma organização tal não seria loucura esperar diverso character na educação e no ensino? Nenhuma instituição perde o instincto conservador, e delira de modo, que se suicide, quando a anima a intelligencia de um estadista, que vê o perigo, conhece os escolhos, e é firme em reger o leme.

Quem lucrou com a reforma dos estudos foi a classe media — a nobreza não titular; os lavradores ricos; os negociantes abastados. A universidade do Marquez de Pombal foi a ponte por onde atravessavam pelos logares de letras para chegarem aos mais invejados e mais importantes cargos do Estado. A toga era uma especie de purpura imperial, que imprimia no magistrado o character da aptidão universal.

Eram muitas e diversas as carreiras; mas que importava isso se a habilitação se reduzia a uma só? De mais a toga e a espada estavam entendidas para se ajudarem por meio do privilegio. A excepção matava a regra no accesso aos logares judiciaes e militares. O merito era sacrificado á preferencia pessoal; o filho recolhia duas vezes o premio dos serviços já remunerados do pae! Começava a sua carreira, onde quasi todos a findavam, e aonde o maior numero debalde suspirava por chegar.

Quando a monarchia pura se precipitou pelos seus erros em 1820, não admira que naquelle corpo moribundo quizessem infundir o espirito da idéa nova. O ensaio era temerario; porém estava-se em plena theoria, e a tribuna servia para a ostentação de theses politicas, que tinham já cumprido o seu tempo em França, e dormiam no limbo dos archivos monumentaes, como historia de uma epoca morta. Os legisladores, assaltados no meio do concilio, fôram expulsos e perseguidos como réos de lesa nação.

Não lhes aproveitou entre tanto a experiencia, e em 1826 repetiram escrupulosamente, no essencial, a mesma culpa, que tão cruelmente expiaram em 23. O governo de 28 provou-lhes mais uma vez ain-

da, que idealisar o direito sem lhe dar a sancção dos factos é amassar com arêa solta o alicerce de uma torre! Cuidavam que era sufficiente ter duas camaras, um ministerio responsavel, e um conselho de Estado — esqueceram-se do povo e das suas necessidades; não viram que a idéa que se não entende, não cria adeptos e morre esteril.

A reacção tornou; venceu; e a tradiçãõ, invocada pelas creanças populares, riscou as palavras novas do frontispicio, e fortaleceu-se no reducto antigo que a imprudencia dos executores do governo constitucional lhe tinha deixado intacto.

Mas em 1834, na occasião, em que se dizia á terra e ao trabalho «sois livres!» Quando se arrancaram propriedades immensas das corporações religiosas, entregando-as ao activo tracto da cultura individual, admira em verdade que se reduzisse a isto só todo o esforço da reforma!

Pasma e descora o animo de observar, que não reconhecem, que o corpo não pode viver sem o espirito, e que um systema novo requer uma sociedade feita para o applicar nas idéas e nos costumes. Adormeceram em Capua sobre os louros da companhia, e a regeneração popular, que devia operar-se pela educação e pelo ensino combinados, ficou na primeira silla de uma promessa vaga.

O regimen constitucional distinguio funcções, que no absoluto eram cummulative. Fundou carreiras especiaes na administração; e não comprehenderam, que a cada funcção, a cada carreira nova cabiam habilitações especiaes, para ser desempenhado o serviço com proveito, para ser animada a capacidade com estimulo. Saimos de um governo de silencio e de estacionamento para um governo de publicidade, e não se prepararam para elle ao menos as gerações, que só habuciavam então.

Uma cadeira solitaria, dentro do recinto universitario, resumiu na faculdade de direito, toda a educação constitucional, que se devera ter dado ao povo. Outra de theoria de economia politica tambem na universidade, e posteriormente na escola polytechnica, curso bastante limitado, encerraram na instrucção superior o segredo de principios, que era dever e conveniencia disseminar até os converter em verdades vulgares. Riscaram-se em papel aulas de industria-economica, de agricultura, de physica e chymica applicadas ás artes, mas onde estão os discipulos, as escolas, e os mestres? Em quatorze annos de systema representativo o que fizemos, o que adiantamos? Dormiu-se, e se ás vezes se accordou foi para promulgar uma lei, que não pôde ser executada.

Não ha questão mais vasta, do que esta do ensino, e querer resolvê-a de uma vez era o mesmo, que tentar cingir com os braços de uma creança o grande vulto do collisão. Só a analyse, e a synthese, só elevando-se por meio della á região superior das idéas fundamentaes, fortificam o estudo deste ramo da sciên-

cia administrativa com a certeza, e exactidão necessarias para assentar em bases razoaveis o seu melhoramento. Em instrucção publica quem se illudir com o ardor de crear tudo, depressa chegará a convencer-se de que só tira do cahos mais trevas, e nova confusão.

Em um paiz tão atrazado como Portugal, e por isso a muitos respeito singular na Europa, não se copiam sem erro ou sem impossibilidade pratica, as theorias e os factos, que nos outros reinos vigoram ou produzem bons effeitos. Aqui, ha de fazer-se cada reforma sobre si; as applicações devem ser filhas do estado actual, e da experiencia; as regras simples, faceis, e ao alcance da menos elevada capacidade. O nosso mal foi sempre voarmos, em azas de cêra, como Icaro, e são tantas as quedas, que nem já dão nome aos mares, testemunhas do nosso desastre!

Este methodo, a nosso vêr tão c'aro como util, será o que adoptaremos na parte, que este jornal consagra á instrucção publica. Do que precede, não se colligirá, que apesar de terem expirado as formas politicas, o systema de ensino, e de educação, feito para ellas, ainda resiste tenazmente, e paralisa hoje os principios, e o desenvolvimento possivel do governo representativo? Chamado á vida activa da cidade, participando directamente do regimen politico pela eleição, o povo diante de si encontra deveres, cuja importancia nem sabe nem aprendeu a discernir; está armado de direitos que nunca lhe foram explicados. O ensino constitucional é em tudo nullo; e nenhum curso pratico e elemental habilita para o exercicio dos deveres e dos direitos, ou para o desempenho das funcções civicas, que o systema politico confere aos cidadãos.

Já o dissemos, a educação industrial economica, e a das sciencias applicadas não existe. Em quanto, nações mais ditosas, a cada hora, quasi que assignalam um novo progresso, e successivos aperfeiçoamentos, as usanças rudes, os processos caros e insufficientes, os erros tradicionaes perpetuam-se e multiplicam-se aqui! A riqueza do solo, que bons processos de cultura, que uma tutela governativa intelligente podia elevar a grande prosperidade, explorada pelos antigos methodos produz menos de metade, do que produziria, se acaso a agricultura, e as artes applicadas, dependentes della, tivessem acompanhado o progredir da sciencia economica, agricola, e administrativa da Europa.

Estes factos são inegaveis, e cada dia augmenta a sua extensão fatal. N'outra esphera, a instrucção, que vantagens offerece ao que lhe sacrifica os prazeres, o vigor, e a flor dos annos? O merito, as habilitações adquiridas ás vezes a preço de lagrimas e de martyrios secretos, de que serviram até hoje a quem as possuia? Esse capital de trabalho intellectual, qual é o lucro provavel, que se lhe assegura? Nenhuma lei ainda consagrou o direito desta propriedade, tão san-

ta, como qualquer outra. Nenhum proveito garante ao estudo e á capacidade especial, uma preferencia ao menos no ramo, em que se habilitou.

E, se o ensino fôr esteril para o que o adquire penosamente, haverá na terra meio humano, coercitivo ou preceptivo que o obrigue a perder em fadigas inuteis o trabalho mais arduo, o tempo mais precioso da vida? Se a lei de instrucção publica não fôr um meio; se a carreira publica, garantida, não fôr o fim, o que esperam da sorte do ensino em Portugal? Se tirarem a esperança ao trabalho, se negarem o futuro ao merito, hão de vêr a esterilidade em roda de si, a indifferença adormecendo o esforço social, e as ruinas alastrando o espaço, que deviam occupar a cultura e a abundancia.

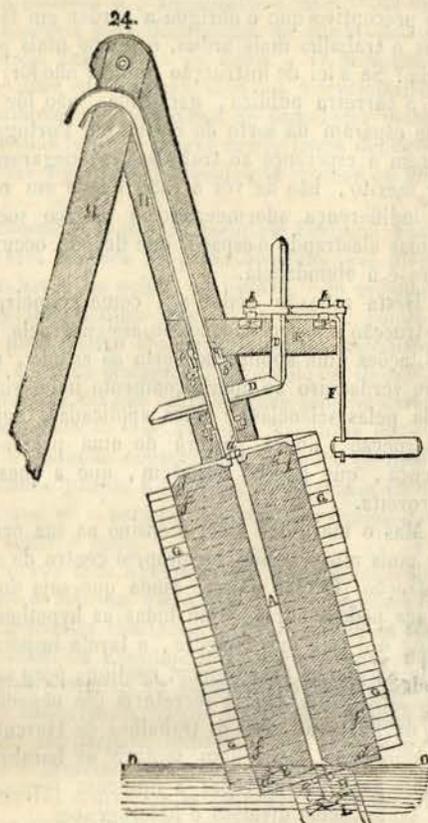
Desta reflexão deduz-se, como primeira base da instrucção, a necessidade de assignar pela lei de habilitações uma applicação certa ao estudo, e um premio verdadeiro ao aperfeiçoamento industrial e agricola pelas sciencias e artes applicadas. Sem isto, a instrucção, nunca passará de uma promessa, uma crença, que poucos aceitam, que a quasi nenhum aproveita.

Mas o mal, que vicia o ensino na sua origem, sobe mais alto; reside no proprio centro da sua administração. O olho unico, ainda que seja do Cyclope, nunca poderá abraçar em todas as hypotheses o infinito; e é esta exactamente, a tarefa impossivel, que uma legislação anachronica, continua para suplicio dos ministros, e do paiz á secretaria dos negocios do reino de Portugal. São os trabalhos de Hercules, e receiamos que não achem sempre os hombros de um Titão para lhe carregar a immensa responsabilidade de tantos actos diversos e heterogeneos.

A secretaria do reino dirige toda a administração e vela sobre a policia do paiz. Abrange o commercio, a agricultura, e as artes. Peza sobre ella a repartição de obras publicas. Tem a dispensação das Graças; e rege a instrucção publica. Perguntamos:—Qual será o homem, habilitado para decidir em tão oppostas especialidades? Era preciso uma encyclopedia viva! Qual é a actividade, o zelo, a devoção, mesmo que pode dedicar igual esmero, e attenção a cada um destes negocios, onde tudo está por crear, de que depende essencialmente a prosperidade do paiz? Nenhuma! Os cuidados da politica, e a administração interna, absorvem todos os talentos e toda a actividade possivel. O resto quasi que vae caminhando ao acaso, reduzido de ordinario a mero expediente!

Em toda a Europa as especialidades a cargo do ministerio do reino formam secretarias particulares; e dirigem-nas talentos praticos, habilitados por um tyrocínio laborioso. Nós só—no meio desta babel, é que descobrimos o segredo de fazer da administração um cahos, e de o augmentar pela confusão das linguas. Não é glorioso o paralelo?

NOVA MACHINA HYDRAULICA.



O uso das machinas hydraulicas é muito antigo, e a sua antiguidade nasceu da sua utilidade grande, que desde os primeiros passos da industria se fez sentir: entre estas, uma das mais antigas é a denominada parafuzo de *Archimedes*. Ha vinte seculos já esta machina tinha attingido o gráu de perfeição, em que hoje a vemos, e constava, como agora, das seguintes peças: de um cylindro central, e de um tubo enrolado sobre elle em spiral.

O modo porque esta machina funciona é facil de perceber. O parafuzo coloca-se com o eixo inclinado, de modo que a sua extremidade inferior mergulhe na agua do reservatorio: nesta posição a agua entra no tubo que forma a spira, até estar em equilibrio com o liquido fóra d'elle; quando o cylindro dá uma volta no sentido opposto áquelle que segue a direcção da espiral, rompe-se o equilibrio, e a agua escorrega da espiral inferior para a immediatamente superior; continuando o movimento a agua vae sempre subindo, e chega em fim ao extremo superior do tubo.

O modo porque vulgarmente é feita esta machina torna-a muito economica e de facil construcção. O

aparelho consta de um cylindro ouco, formado de aduellas pregadas solidamente em arcos de páu; por dentro, este cylindro é cuidadosamente cavado por uma *ranhura* spiral; no interior desta ha outra peça massiça e central, que é tambem cavada por uma *ranhura*, que unida á do cylindro interior forma o tubo completo de que acima fallamos, que é indispensavel para a machina funcionar. A inclinação dada a estes cylindros tem sido muito variavel, mas não pode nunca ser menor do que um certo limite, o que torna necessario dar grande comprimento ao cylindro para elevar a agua a uma pequena altura.

Esta machina tal qual nós a acabamos de descrever, tem muitas cousas que a tornam aproveitavel, mas tem tambem muitos inconvenientes. A agua entra sem choque no canal spiral, e sae sem velocidade, e por isso não ha força viva perdida; occupa além disso pequeno espaço, e é de facil e economica construcção: estas vantagens são porém acompanhadas de defeitos graves.

Primeiramente o parafuzo de Archimedes não pode elevar a agua á sua propria altura, e precisa para funcionar ter uma inclinação de 30° a 45°.

Em segundo logar uma parte da força é dissipada pela inercia do systema, que é preciso impellir continuamente.

As fricções que tem logar nos apoios destroem uma parte da força consideravel. Quando o parafuzo tem um movimento rapido, imprime á agua do reservatorio um movimento de depressão que não só consome uma porção da força, mas diminue a affluente onde a abertura do tubo recebe agua.

Estes defeitos chamaram ha muito a attenção dos mechanicos, e muitos modos de obviar a elles se tem proposto: nenhum porém com um resultado tão satisfatorio como o apresentado ultimamente á academia de industria por Mr. Letellier.

Era um facto observado que, não mergulhando o orificio inferior do parafuzo no reservatorio, o ar entra no tubo em certos periodos da revolução, e interrompe por bolhas de ar a columna de agua ascendente. Assegura-se tambem que, na construcção deste aparelho, se devem unir as aduellas do cylindro exterior, de modo que não possa sair a agua, mas possa entrar uma porção de ar; porque este, acrescentam, facilita o funcionamento da machina, por evitar a rarefacção do ar contido nas spiras, o que daria em resultado entradas bruscas de ar. Destas noções tirou Mr. Letellier a idéa do seu aperfeiçoamento.

Se se tornar a entrada da agua no tubo spiral intermitente, isto é, se o orificio inferior entrar na agua e sair a cada volta do cylindro, é evidente que pequenas porções de ar se interporão entre as diversas porções de agua. Se na marcha ascendente dos dois fluidos elles encontrarem um canal com uma area de secção constante, é claro que elles o percorrerão sem

augmento de densidade, e sairão tambem alternativamente pelo orificio superior.

Porém se, em lugar de um canal com a area da secção constante, tivermos um canal cuja area diminua cada vez mais á proporção que se eleva, é facil perceber como as cousas se devem passar. Como em cada espira se introduz um mesmo volume de agua e de ar, é evidente que, se a altura da spira diminua, ficando constante a circumferencia, a massa de agua se estenderá, e o ar ficará mais denso porque soffrerá uma forte compressão.

Sendo as spiras distribuidas por series que vão sempre diminuindo de capacidade, vê-se pois que, ao passar de um systema de spiras para outro o ar se comprimirá cada vez mais; que a força elastica deste ar se exercerá nas paredes interiores do parafuso e na agua, e que em fim, chegando ao orificio da saida, o ar condensado, não tendo já a vencer senão a pressão atmosferica, se dilatará para tomar o seu volume natural, e consequentemente elevará a uma altura proporcional á pressão recebida a agua que tiver acima de si.

E' este o principio com o auxilio do qual Mr. Lottelier chegou a augmentar o trabalho util do parafuso, e a fazer delle uma maquina hydraulica muito preciosa. E' uma idéa fecunda que não só augmenta a efficacia deste aparelho, mas que dá duas vantagens novas e importantes; a saber:

Diminuir a inclinação do parafuso de alguns grãos:

E tornar desnecessario que o parafuso mergulhe muito no reservatorio.

Damos uma figura representando uma secção do parafuso no sentido longitudinal, segundo o eixo; para que melhor se fassa idéa desta maquina.

A é o eixo de ferro fixado, nas suas extremidades, por dois espigões *a a* em dois planos *B, B'* de ferro galvanizado; o pião do eixo está collocado n'uma cremalheira *c* sobre uma plataforma *L*; no outro extremo sobre o plano *B'*, está uma especie de porca *e* que recebe a rosca do tubo *e'* de ferro galvanizado ou cobre, que constitue o prolongamento do eixo: este tu-

bo gira n'uma caixa de estopa *c'*, macia, mas que o aperta de modo que não deixe fugir a agua. Esta caixa está segura a travessa *b, b*; sobre o tubo *e* está adaptada uma roda de angulo *D* que é posta em movimento pela roda *D'*; esta está presa sobre um eixo *E* encostado a duas almofadas *h, h* que estão fixas em duas travessas *J, J*; este eixo é armado de uma manivella *F* para dar movimento á maquina.

Os planos *B, B'* teem na sua circumferencia um rebordo *d, d, d, d*, que serve para manter solidamente o interior do parafuso, *f, f, f, f*, em que elles estão enterrados; o seu borbo exterior é chanfrado para melhor se poder soldar: *f, f, f, f*, é o nucleo do cilindro a que estão soldados os elices *G, G, G, G*; este nucleo pode ser de ferro galvanizado ou de outro metal de uma grossura conveniente, segundo o diametro e o comprimento da maquina. A lamina de metal para formar este nucleo deve ser cortada de modo que se possa soldar convenientemente pelos bordos.

G, G, G, G, são os helices, que tambem são formados por laminas metalicas soldadas no exterior do nucleo, do modo que a separação das laminas do helice va successivamente diminuindo.

H, H, H', G, G, K, L e *b* formam as peças que sustentam a maquina.

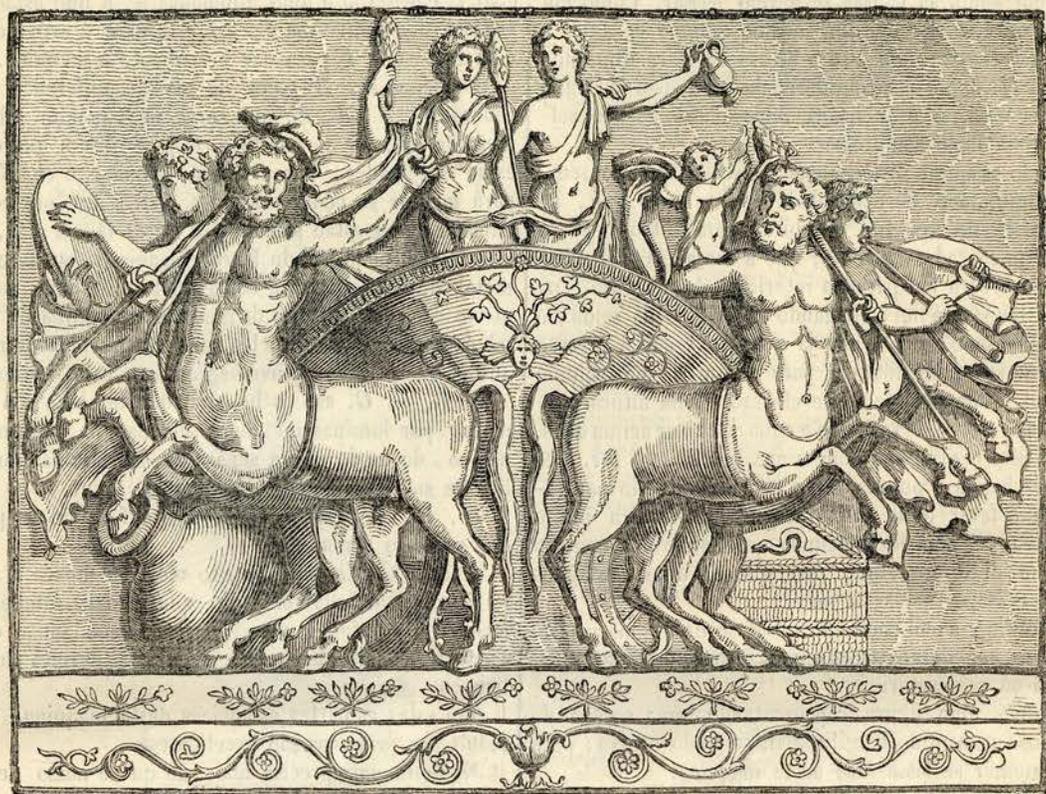
A linha *O, O* marca pouco mais ou menos a altura do nivel d'agua constante que se deve estabelecer ao pé do parafuso, para que não tome senão quasi a metade da circumferencia da primeira volta de helice.

São estas as partes essenciaes desta maquina, cujos resultados practicos são excellentes.

Nenhum paiz precisa mais do que o nosso de importar todas estas descubertas, porque nenhum desperdiça mais essa immensa riqueza que a agua dá aos campos, nenhum soffre mais os inconvenientes e os estragos que causam sempre, muito principalmente nos climas quentes, as aguas estagnadas nos charcos, e nos rios de corrente muito lenta.



LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A ESTAMPA, que damos, é copiada de uma pintura tumular, descoberta na crypta ou catacumba da Via Aurelia, situada junto de uma pequena Igreja. Foi achada no anno de 1667, e quando o sabio Grenovio escreveu pertencia ao museu do Cardeal Carpegna.

Representa em um carro triumphal Bacho e Ceres, puchados por quadrigas de centauros, e rodeados de genios, de tyrsos e de paveas, attributos simbolicos da sua invocação. Tem vinte e quatro dedos de comprimento, e doze de alto. A pintura é de uma só côr, sobre quatro fundos diversos, um branco, outro escuro, o terceiro quasi vermelho, o quarto açafroado. Serve de ornamento a uma das faces de um sepulchro — e na opposta vê-se outro quadro, figurando Ganimedes, dando de beber á aguia de Jupiter.

Ambas as pinturas são simbolicas. Bacho e Ceres, vertem das urnas a libação dos mortos; a aguia é a imagem da elevação do espirito acima da terra. No desenho ha a pureza de linhas e a

elegancia do contorno, que se admira no periodo correcto do estylo grego, cuja eschola esta obra imitou decididamente. Os centauros parece usarem; a figura dos deoses destaca-se gracioso e serena; a distribuição do quadro é de grande effeito e magestade.

Os simbolos risonhos do paganismo, o culto da morte, revestido de fórmas tão bellas e suaves, é d'um contraste sublime com a austera piedade dos primeiros christãos, reunidos ao pé desse tumulo, sumido nas entranhas da terra, para entoar o hymno do martyrio! Quantas vezes se encostaria o rosto macerado da victima do dia seguinte ás paredes ornadas do sepulcro romano, meditando como o nada da cinza humana equalará depressa ao orgulhoso patricio o christão humilde e opprimido?

Naquelle epoca de resignação e sacrificio, a christandade gemendo no captiveiro, fazia de cada confessor da fé um holocausto, e de cada martyr a pedra angular da nova Igreja. As artes, as

letras, as idéas e os homens estavam em conflicto; a sociedade dissolvia-se na derradeira hora do imperio; e no meio do rizo sceptico da devassidão romana ouvia-se o côro solemne dos martyres entrando no circo das feras para morrer em nome do futuro. Este quadro, que tanto tempo jazeo esquecido nas trevas da cripta da Via Aureliana, foi testemunha silenciosa da oração extrema do neophito, ajoelhado aos pés da cruz, e da confissão solemne do rebanho ao pastor, no momento de se despedirem talvez para sempre, e de regarem de sangue a arvore de Christo, que dentro em pouco ia cubrir o mundo!

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

INTRODUÇÃO.

Abrindo em um capitulo o Nobiliario, attribuido ao Conde D. Pedro, achei a tradição do rapto de D. Maria Paes, amante de Sancho I., por Gomes Lourenço da familia do famoso Viegas de Riba Douro, denominado pelos Chronistas o *Espadeiro*.

Logo á primeira leitura acha-se alli o sabor rustico, mas agradável das historias populares, contadas ao pé da fogueira em toda a ingenuidade do velho estylo patriarchal. Os quadros do *Livro das Linhagens* lembram aquelles paineis flamengos, aonde com demasiada simpleza e naturalidade, quasi sempre, as figuras se destacam e parecem vivas a conversar o serão, allumiadas pela chamma, que faisca das chaminés gothicas.

Pelo menos produzio em mim este effeito o Nobiliario. Lendo-o, consolei-me, por momentos, cuidando respirar o ar aspero e livre, em que se creou a robusta infancia de Portugal.

O colorido do estylo é antigo, e o desenho das scenas incorrecto; porém ha toques, ha phisionomias nelle, que se não sabem hoje nem imitar, e não se encontram já, a não ser em algum retabulo da escola chamada de *Gran Vasco*.

Se a novella historica e o drama se quizerem fazer nacionaes hão de estudar do « Nobiliario » muitas destas lendas; porque é por ellas, quasi, que o espirito pôde ter a intuição da sociedade passada, e adivinhar o existir intimo das epochas, que talvez não fosse erro denominar as eras heroicas da nossa historia. A'quelles retratos, meios apagados já, ainda os anima um resto da vida e das crenças, que eram a alma dos primeiros seculos. Pedacos do grande espelho, onde se miravam, é necessario ajunta-los e embebe-los na

moldura moderna para tornarmos a vêr alguns dos seus defeitos e bellezas.

Sente-se isto bem na tradição de Maria Paes. A' excepção de duas situações, a torrente, que tanto monumento precioso tem estragado, passando par cima della, levou o mais. A acção está suspensa; os episodios confundidos; os caracteres em meio esboço. O nexa, a unidade, a fórma, debalde se buscarão alli; mas acha-se o que nada pôde supprir tambem: — é a verdade dos costumes e das paixões, segundo o « viver e crêr » do tempo.

O « Nobiliario » faz a acção sem prologo. Gomes Lourenço, espera Maria Paes, rouba-a, e mette-se depois com ella em terras do rei de Leão. Porque? Ignoramos as circumstancias do louco amor, que arrojou o cavalleiro a forçar, não qualquer dama (o que era então vulgar), mas a amante de Sancho I. Apesar de ter o corpo agrilhado ás paredes do tumulo, a sombra irritada do veucedor de Silves devia ainda arrefecer a ousadia do homem que vinha pizar as suas cinzas, e profanar o que tinha sido a mais ardente afeição da sua vida.

Sem uma causa poderosa atrever-se-hia o impeto dos sentidos a tal extremo? Parece que não. Em Avelans, roubando Maria Paes, Gomes Lourenço nada mais fez do que revelar a desesperação de affectos mal retribuidos, e completamente desprezados, talvez. Como se preparou o desenlace da tragedia ninguem sabe; mas é provavel, que o odio de raça, o desdém de mulher, e pôde ser mesmo, que o escarneo, mais pungente do que elles ambos, bordassem a escura tela em que esses amores se desprégam. — Eis o que indica a propria reconciliação depois do rapto; hem se vê que é fingida para adormecer o cavalleiro nos braços da esperanza e arrastal-o, enganado, ao fundo do precipicio.

De que maneira o conseguiu Maria Paes? A terra comeu um segredo que jaz com os seus auctores. Entretanto ha uma conjectura muito natural, que offerece a plausivel explicação de tudo. E' a de suppôr, que a dama representando a comedia de um amor, que não sentia, e embalando Gomes Lourenço com promessas e juramentos, o attrahisse ao laço, que tecera de acordo com os parentes. Quem reflectir no caracter de Maria Paes, tão perfeitamente desenhado no *Livro das Linhagens*, pouco hesitára em acceitar a hypothese. Mestra na arte da hypocrisia e da perfidia, batendo-lhe no peito o coração de uma raça implacavel, os encantos da belleza não eram senão mais um disfarce; debaixo d'elle estava a alma inexoravel e cruel de Leonor Telles.

Foi por isso que se preferio á versão do « Nobiliario » sobre a morte de Gomes Lourenço, o desenlace figurado neste romance. E' mais adequado á invenção poetica, e talvez seja mais conforme aos costumes do seculo. A tradição do *Livro das Linhagens*, nesta parte, parece visivelmente corrompida. O papel, que

attribue ao rei de Leão, e a justiça arrebatada, que imputa a Affonso II., oppõem-se demasiado aos usos do tempo, para ao menos serem verosímeis.

Um dos Viegas, familia enlaçada por alliança de sangue com tantas casas importantes do reino, não se justificava por acto verbal e summario como o villam, que os alvasis sentenciavam, e o verdugo açoitava. Para tocar na cabeça d'um rico-homem do seculo doze o braço real era ainda muito fraco. Pelo contrario a historia dos primeiros reinados mostra, que os fidalgos desenfreados pela impunidade, ousavam e podiam tudo, sem a auctoridade soberana ter a força de os cohibir.

E além disto, como podia o rei estranhar violencias, de que frequentes vezes era o primeiro a dar o exemplo? Quem estudou de perto as contendas de Sancho I. e de seu filho com o clero, e com alguns nobres, sabe que estes monarchas recorriam ao incendio e á oppressão sem a mais leve sombra de remorso. Excedendo-os, na fereza das vinganças, os ricos-homens seguiam as suas pizadas, e compunham-se pelo modello do principe.

Se o rapto da *mulher de linhagem* era mais feito arriscado, do que dellorar a innocencia da filha do povo, o perigo não consistia na severidade do rei; provinha só das reprezalias sempre rapidas e inexoraveis da familia ultrajada. O roubador ficava diante della, como homicida, de mais que a vida, da honra e do orgulho de uma raça nobre; e uma injuria destas nunca deixava de verter sangue. O direito de vindicta, exercido pelos parentes, legitimado nas leis, e sanctificado pelos costumes, bastava para flagellar amargamente as vigalias e o socego do criminoso. O receio agrilhoando o remorso, corria apoz elle, tornando-lhe amargoso o prazer, fazendo-lhe de espinhos o leito de insomnia. Entre tanto, pode-se affirmar, que no meio das ameaças erguidas sobre elle, o cutello afiado por D. João II. na cabeça da fidalguia, ainda não lhe lampejava diante da vista.

O rei ainda não aprendera então a cannonisar as suas paixões, vestindo-lhe a opa da justiça, mercadejada com o sangue das victimas. As vinganças e as ambições eram mais sinceras, e não usavam de mascara. A atrocidade legal, só veiu, como requinte de civilisação, com os tempos neo-romanos do filho de Affonso V. O Marquez de Pombal, depois, lá foi copiar.

E' por estas razões, que a tradicção do « Nobiliario » pareceu corrompida, e que se adoptou a hypothese figurada neste romance. O enredo vive do odio de raça, feição característica da meia-idade. A chronica das luctas individuaes, e a do conflicto entre as diversas classes e as localidades oppostas dos concelhos, se fosse restaurada em consciencia pelo drama e pelo romance, seria a pintura exacta das sociedades semi-barbaras, que dormem na urna cineraria da historia.

A originalidade da acção, a elevação tragica dos affectos, e o pittoresco dos costumes, que ella offerece, são dados preciosos que a arte deve aproveitar nas suas manifestações. O Dante nos mais admirados episodios da *Divina Comedia*, e Shakspeare nas suas melhores peças, recolheram a vaga tradição, e acenderam a ella o raio luminoso, que dá calor e alma ás suas bellas creações poeticas.

Uma dellas « *Julietta e Romeo* » é talvez a mais mimosa composição do auctor de Othello. Cito-a de proposito, porque, em geral, nos traços, mostra uma apagada semelhança com a tradicção do « Nobiliario », que serve de thema a este romance. E' tambem uma rixa de familias; é um amor que morre pelo odio alheio; é um noivado que vem expirar dentro das frias paredes d'um sepulcro.

A similhaça, porém, está só na identidade do facto. Na fabula, nos caracteres, e nos sentimentos aparta-se completamente pela opposição de indole nos dois povos, e mais que tudo pelo abysmo que separa a poesia do norte da poesia peninsular.

E entre tanto, em nenhum drama foi Shakspeare menos inglez, quanto á forma, do que em « *Julietta e Romeo*. » Meditou-a debaixo do til como se estivesse no seio de Granada e de Sevilha, entre os laranjaes e limoeiros. Quem na apreciar, só, pela apparencia, dirá que a inspirou o sol ardente das Hispanhas; mas quem descer a analyse mais seria logo descobre o desconsolado scepticismo, que invenena os affectos e degenera o coração.

Vendo Romeo, e amando-o, Julietta presente que o verme da morte está dentro da roza colhida pelo amor. E' ella mesma quem prophetisa: « que o tumulto ha de ser o seu leito nupcial, e os brandões funebres hão de allumiar a vingança das duas casas inimigas! » Longe de sorrir ás illusões do provir, a donzella apaixonada, geme, na tristeza, as horas solitarias da noite. E a lua, amiga dos amores, caindo mollemente sobre as pedras d'um jazigo, parece indicar-lhe o sitio, onde todo o infortunio acaba!

Que differença entre a perenne contemplação da morte no amor, e a paixão arrebatada, que respira nas peças castelhanas de Lopo da Vega e Calderon?! No infinito, por onde vò a phantazia, e na immensidade do desejo, a sua aspiração sente-se ainda escrava, e abrindo as azas da esperança, eleva-se acima do universo, e procura romper para as regiões nebulosas do futuro. O inglez, absorvido no exame do mysterio da existencia, resolve-o pela duvida, em quanto o castelhano o illumina com a fé. De joelhos, no chão dos mortos, Shakspeare recolhe o orvalho que goteja das cruces, e rega com elle a flor que só tem de viver um dia. Para elle a existencia significa apenas a passagem dolorosa do homem, atravessando pelo martyrio, para o invisivel e secreto, que está além do sepulcro, e a voz do mundo chama eternidade.

Creada entre as duas maiores solidões da vida, o mar e a ausencia, a Musa britannica é triste e severa, como ellas. As tormentas, que lhe balançam o berço, os nevoeiros que lhe toldam o sol, e a luz baça, que lhe allumia os dias, concorrem, com a melancolia do clima, para a fazer chorosa, reflexiva, e sceptica quasi sempre. A paixão do norte é a noite dos esponsaes de Romeo (acto 2.º scena 2.ª) conversada ao luar. Os suspiros da aragem, e a fragancia das flores são a harmonia e o perfume, entre os quaes recendem os juramentos e beijos do primeiro amor. O coração vive uma vida inteira n'um minuto; a alma pregosta o prazer do ceu, e estremece dos affectos que a exaltam, e com tudo nesta scena não ha senão tristeza! Na propria ternura reflecte-se um como clarão de alampada funebre. Desde o principio, a cruz da ermida, onde por fim vão morrer ambos, já negreja por entre os myrthos do amor.

A musa da Hispanha não entende assim a existencia. Filha dos vergeis deleitosos não se reclina a vêr dobar nos ares as nevoentas cascatas; vai, pela beira dos rios aspirando a fresquidão, apanhando o fructo com a flor, debruçados em toldo virente sobre a estrada. A luz e o sol, as flores e as aguas, alma da natureza, são tambem a alma della. O estio calmoso colhe-a, ingenua pastora, a banhar-se meio corpo nas fontes, ou namorada e pensativa, pulsando na lyra. Se chora, poucas vezes verte prantos amargosos; se o coração arqueja, raro é nas convulsões de dôr inconsolavel; se a alma ancia, nunca é de desesperação eterna. Os delirios de Sapho; as saudades que matam; e o amor que derrama sangue em vez de lagrimas, na primavera da Hispanha, só forçadamente levantam os sinistros espectros do ciume de Othello, do scepticismo de Hamlet, e da demencia de Lear. A natureza não os conhece nem os inspira.

As paixões na Peninsula são ardentes, porque o sangue hispanhol queima como sangue arabe; mas, nos trances do maior infortunio, a esperanza nunca foge ao afflicto, e aponta-lhe para o ceu. Padecer é expiação, não é inferno. O que vergado á sua cruz, descae, não expira enchendo a terra, como Byron, dos clamores do scepticismo. Acima das tempestades do oceano, em que a vida se affunda, está Deus, está a fé, está o dogma consolador da remissão divina. Na Harpa do Norte ha de menos esta chorda indispensavel de esperanza religiosa.

A opposição de idéas e de natureza entre a poesia do Norte e a do Meio-dia, constitue a originalidade dellas. Em Castella e Portugal os dramas de «Hamlet»; e do rei «Lear» nem sequer eram entendidos.

Tem-se dito bastante para desenvolver a differença essencial que se dá entre a tradicção do *Nobiliario*, e a versão italiana, que inspirou a Shakspeare a sua Julietta e Romeo. Agora seja licito acrescentar duas palavras mais para explicar o fim que se propoz o

auctor, accetando o conto popular para base das ficções da novella historica.

A côr antigo do *Livro das Linhagens* serviu só de fundo ao painel, em que se tentou debuxar algumas scenas do seculo XIII. O povo apenas está retratado de escorso, nas ondas da praça publica, aonde ensaiou a vida energica dos reinados del-rei D. Fernando e D. João I.; e de leve esboçado nos costumes apparentes, que resaem na intimidade do lár domestico. As leis conservadas no *Fuero Viejo de Castilla*, e os usos civis e religiosos, colligidos pelo erudito Berganza nas «*Antiquidades de Hispanha*», ministraram tintas, raras já, para restaurar um pouco das obliteradas physionomias do clero e da nobreza da idade media. As virtudes e os defeitos das classes, quanto era possivel, em breve quadro, resumiram-se para melhor sobressahir o espirito, de que outr'ora viveu a sociedade, que tanto lidou pela gloria do nome portuguez.

Em assumptos historicos o dever do romance consiste em expressar o *viver e crer* de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma epoca designada. Se não se derem ás gerações mortas, os sentimentos e crenças, que as animaram, e as paixões humanas, que as inspiraram, fez-se tudo, menos entender e applicar a historia, na sua essencia filosofica, ás manifestações da arte. Para calumniar um seculo e os homens delle não val a pena evocar do tumulo o seu cadaver. A religião do sepulcro deve ser tão sagrada para a arte como é para a historia.

Porém, nos labores da imaginação a verdade está em reproduzir as idéas, em desenhar as fisionomias, e em dêr o devido relevo aos costumes; e não em suar na fadiga ingrata de uma crassa Minerva para dissolver a tincta dos velhos pergaminhos em arengas insipidas, ou estudadamente falsas. O verdadeiro espirito dos seculos escapa sempre á rede de apanhar vocabulos dos copistas servis.

É a razão porque este romance é escripto e fallado na lingua de hoje, e não torcido em cada frase por um torniquete quinhentista. A historia está nas cousas e não nas palavras.

Por ultimo, como esta tradicção revê a mais funda melancolia, e chora sobre as mais ardentes affeições da vida, adoptou-se, talvez com motivo para epigraphe este verso de Shakspeare em Othello:

She was born to be fair; I to die for her love. Decerto: Gomes Lourenço, se podesse diria com o poeta inglez:

Ella nasceu para matar d'encantos

Eu para amando-a em vão morrer d'amores.

O padecimento immenso do cavalleiro portuguez, que fôra bastante para encher d'amargura uma vida de seculos, está resumido no verso sublime de Shakspeare. Desdemona tinha-o escripto com lagrimas no coração antes de o soluçar na harpa: e atravez da distancia das epocas, e do infinito da eternidade, a amante do mouro de Veneza, e o neto dos Viegas de

Salgedas, dão as mãos, e confundem no mesmo respiro a dôr, que os dilacerou na terra. Ambos elles repousam n'um sepulcro ensanguentado, e ambos do amor, que foi todo o seu viver, só colheram, ella o espinho do cume, elle o terrível desgano da traição!

Este fado inexoravel, que os atrahia a brincar com a morte, e a obter em premio da sua alma votada ao sacrificio só o odio, e desesperação, é o mysterioso cunho, com que o dedo da providencia, assignala na fronte os martyres do sentimento, como na poesia escreve a predestinação, com letras de fogo, na fronte de Camões e debaixo da corôa d'espinhos de Bernardim Ribeiro.

30 de Maio de 1848.

POESIA.

OS FILHOS DA GLORIA.

Soberbo se ergue tumulo, que o tempo
Não teme sem piedade,
Porque a lavrada pedra
Resiste ao seu poder, dura, invencivel.

Temeroso fantasma se alevanta
Sobre elle, orna-lhe a fronte
A fulgurante c'roa.

Da humilde campa junta á cruz deserta
Outro fantasma surge.

Que protentos são estes que acobardam
A fraca humanidade?
Não é prizão a cova?
Não fecha para sempre a mão da morte
Mirrada, a bocca inertil?

Eil-os que fallam! — voz troante rompe
Do fantasma c'roado pelos labios:
Ao longe, a sombra humilde
A voz tambem levanta
Suave e branda como a voz dos anjos.

PRIMEIRO FANTASMA.

Curvae a fronte ó grandes desse mundo!
Prostrac-vos ante mim ó Reis da terra!
Que fui conquistador, que fiz os povos,
De susto desmaiados,
Rojarem-se no pó, pedirem ferros
Para a vida salvarem.
Espadanas de sangue derramado
Por campos de batalha,
Eternos fazem o meu nome e gloria:
Os verde-negros louros que interlaçam

De meus nobres soldados
As mal-juntas ossadas,
Outros tantos tropheus são pelos homens
Em honra do meu genio alevantados.

SEGUNDO FANTASMA.

Quem ousa do sepulcro o véo eterno
Rasgar, de pedra e gelo entre-tecido?
Quem ousa a c'roa infame
Da féra tyrannia,
Depois de ter da morte o golpe duro
Sentido, ainda pedir, e não se aterra?
Quem ousa assim fallar de guerra e morte;
Orgulho miseravel
De impiedosos mortaes, acre veneno
Que o coração corrôe, verter ainda
Dos labios carcomidos?

PRIMEIRO FANTASMA.

Eu! — grão conquistador cuja palavra
De um pólo a outro pólo revolvia
Os povos, os exercitos, os reis,
Qual rio que espumando quebra os diques;
Qual turbilhão furioso
Que inteiros bosques revolvendo arranca,
E o torvo mar em serras alevanta:
Tal os homens me viram, — e tremeram!

SEGUNDO FANTASMA.

Temido foste, mas amado nunca.
Humildes a teus pés,
Escravos se rojaram; mas teu nome,
Louvando, desprezavam.
Em vez de louros sobre a campa altiva,
Os que teem de virtude o peito ornado,
Maldições te lançaram.
Misero rei teu nome jaz no abysmo
Cavado pelo eterno odio dos povos.

PRIMEIRO FANTASMA.

Para de mim fallar dessa arte, e a c'roa
Que esta fronte me cinge, e a minha fama
Immortal desprezar, quem és? — Não sabes
Que eu no mundo passei, como um planeta
Que no infinito espaço,
Luz derramando fulgurante, gira?

SEGUNDO FANTASMA.

Fui Poeta, fui grande; os versos meus
Repetidos serão, serão cantados
Nas edades futuras.

Não ouves Rei altivo o melancólico
 Suspiro que se enlaça
 C'o rugir da tormenta, e que a fereza
 Lhe abranda e suavisa?
 Essa voz que murmura com a aragem
 Não ouves, mal-distincta?
 — A virgem que de noute ardente segue
 Da fantazia os sonhos
 Ao ouvir essa voz sorri e espera:
 A mãe que triste geme
 Pelo filho perdido o pranto solta,
 E a piedosa oração a Deus eleva —
 Esse cantico funebre não ouves
 Que ao muribundo esperança dá e alivio
 No derradeiro instante?
 — O suspiro vibrou-me dentro d'alma;
 — A voz no coração nasceu-me pura;
 — Esse cantico os anjos o cantaram:
 Ouvi-o nos meus sonhos.

PRIMEIRO FANTASMA.

Não ouves tambem tu esse arruïdo
 De vozes a bradar?
 Esse mar de cabeças ondulando
 Não vês no valle immenso?
 — Minha lyra foi essa;
 Tremendos sons de morte
 Della soube tirar: e o mundo atonito
 Do cantico entoado nas batalhas,
 Por delirante gloria
 Nobremente inspirado aos que por ella
 O sangue pelos campos entornaram,
 Humilde se prostou para escutal-o.

SEGUNDO FANTASMA.

No turbilhão revolto das batalhas,
 Entre sangue, entre fogo, morte, e brados
 De horrorosa vingança,
 Buscas-te gloria mas achas-te infamia.
 Não soubes-te os segredos que se occultam
 Nas almas virtuosas;
 Tua alma foi cruel. A mal-soffrida
 A medonha ambição um negro abysmo
 Nella cavou profundo.
 Emudece, emudece! Que miseria
 E' para os homens tudo: é só Deus grande!
 — Que val a tua gloria?
 Um cadaver, um nome, um monumento
 Restam de ti agora.

Pela face do ceo pezada nuvem
 Neste instante passou:
 Os fantasmas sumiram-se nos ares.
 De novo as mudas campas
 Na solidão ficaram.

CRONICA DA SEMANA.

INTERIOR.

PEÇAS OFFICIAES IMPORTANTES.

Por uma circular aos governadores civis de 15 do corrente, o governo recommendou que se promovesse com a maior brevidade possível os lançamentos de decimas, e impostos annexos de 1847 — 1848.

— Por uma carta de lei se auctorisa a extincção, supressão, e organização das collegiadas do reino e se regula a applicação dos seus bens.

— Um decreto de 15 de Junho, do ministerio da fazenda, ordena que fiquem sem effeito as disposições do decreto de 22 de Fevereiro de 1847, que creou a quantia de libras 1,500,000 de applices.

— Annuiciou-se o pagamento da primeira quinzena de Março, no dia 21 do corrente, aos governos de praças e fortalezas, arsenal do exercito, armada nacional e extincta brigada.

CORTES.

— Na segunda feira (19) teve lugar na camara dos deputados uma interpeção do Sr. Avila acerca das prizoens mandadas fazer pelo governo no dia 17, por suspeitas politicas: a resposta do ministro do reino a esta interpeção foi « que não podia declarar o motivo deste acto, mas que em poucos dias o faria satisfactoriamente. » A camara depois occupou-se da discussão do projecto de lei para o estabelecimento de uma companhia de navegação por barcos movidos a vapor entre o continente e as ilhas: e da discussão de outro projecto de lei para a creação de um corpo de veteranos, que foi approved na sessão do dia 20: nesta sessão foi tambem approved o projecto para o estabelecimento da companhia de que acima fallamos, recebendo com tudo importantes modificações.

Nas duas outras sessões de 21 e 23 discutiu-se principalmente o orçamento do ministerio da guerra.

— Na camara dos pares teve lugar na sessão de 19 uma interpeção do Sr. conde de Lavradio acerca do commercio dos vinhos, em que S. Ex.^a pediu ao governo concorresse por todos os meios ao seu alcance para fomentar este ramo de industria, abrindo novos portos á exportação deste genero, e diminuindo o imposto de consumo: o ministro dos negocios estrangeiros prometteu attender muito particularmente este objecto.

Na sessão do dia 20 discutiu-se um parecer da commissão de inquerito, nomeada para estudar a opinião do paiz acerca da reforma da Carta: a camara não approved grande parte do parecer, em que se pediam certos meios para chegar ao resultado, e por isso o Sr. conde do Lavradio disse na sessão seguinte que estava auctorisado a declarar que a commissão se julgava desde logo dissolvida.

NOTICIAS.

— As pessoas que foram prezas, por ordem do governo, como formando parte de uma associação revolucionaria, foram os Srs. Mendes Leite, Manoel de Jesus Coelho, Duarte Nazareth, e Diogo Leite.

— Morreu no dia 10 o coronel de engenheiros Cactano José Vaz Parreiras.

— Na quinta feira teve lugar a proposição de *corpus christi*, a que assistiram Suas Magestades, e grande parte da corte.

— De 9 a 15 de Junho foram despachados em Lisboa — 464 moios de trigo — 150 de cevada — 175 de milho. O trigo esteve de 420 a 660 réis o alqueire — a cevada de 240 a 300 réis — o milho de 300 a 360 réis — o centeio de 240 a 360 réis.

EXTERIOR.

HISPANHA.

— O paiz continua em quietação; teem-se com tudo feito bastantes prizões, e a imprensa continua a estar sem liberdade alguma.

— Orlando foi occupar o lugar de ministro da fazenda em lugar de Bertran de Liz.

Foi surprehendido o cabecilha montemolinista D. Vicente Herrero com seis dos seus subordinados.

— Segundo uma carta do *Daily News* parece estar entabulada uma negociação entre o governo hispanhol e o conde de Montemolim, para trazer este a reconhecer Izabel II como rainha legitima. Teem porém apparecido difficuldades da parte do conde.

— Descubriu-se em Ceuta uma conspiração. A guarnição e os prezos deviam lançar mão dos navios da estação, e fazerem um desembarque na costa de Hispanha. Foram prezos alguns dos conspiradores. O general Ros de Olano, governador, mandou distribuir armas aos paizanos, para formarem uma guarda nacional.

FRANÇA.

— A França continua a estar agitada pelas opiniões encontradas que a dividem; todos os dias algum novo tumulto vem pôr em agitação a capital daquelle paiz. Até hoje porém o partido da ordem tem sempre sido o mais forte.

— No dia 7 passou na assembléa uma lei que prohibe os ajuntamentos, e impõe graves penas aos que nelles tomarem parte; a discussão desta lei foi muito tumultuosa, e a sua publicação produziu grande agitação; havendo no dia 9 gritos nas ruas contra Mr. Thiers.

— As novas eleições para preencher as vagaturas no departamento do Sena deram em resultado a nomeação para deputados de: Caussidière, Moreau, Goudchaux, Changarnier, Thiers, Leroux, Victor Hugo, Luiz Bonaparte, Lagrange, Boissel, e Proudhou.

— No dia 11 houve um ajuntamento popular junto ás portas de S. Diniz, que foi dissipado, tendo lugar muitas prizões.

— No dia 13 varios grupos deram vivas a Luiz Napoleão, que foram tambem dispersos pela tropa. Nesse mesmo dia discutiu-se na assembléa a eleição e admissão de Luiz Napoleão, que a assembléa approvou, apesar da opposição da commissão executiva. O governo parecia disposto a dimittir-se.

— No dia 15 a assembléa esteve de novo tumultuosa, em consequencia de uma carta de Luiz Napoleão, remettida ao presidente, e em que este se serve de uma linguagem ambigua, e pouco conforme aos principios republicanos. Parece que a commissão executiva estava disposta a fazer revoGAR a resolução tomada pela assembléa de admittir Luiz Napoleão, ou a dimittir-se.

INGLATERRA.

— Continua a agitação por todo o reino, e em muitos pontos tem havido grandes *meetings* cartistas, e tumultos.

O ministro de Hispanha em Londres, saiu daquelle cidade em consequencia de uma correspondencia que teve lugar entre lord Palmerston e elle. Parece ser uma desforra do acto praticado pelo governo hispanhol.

— Os nossos fundos em Londres ficaram á saída do paquete a 15 e a 17.

ITALIA.

— O rei Carlos Alberto continua a commandar o exercito que trabalha para a expulsão dos austriacos: as forças destes conservavam-se em Mantua, e os italianos tinham-lhe cortado a estrada do Tyrol.

— De Verona saíram 25:000 homens austriacos, que fizeram grandes estragos no paiz.

— Em Florença reinava no dia 7 grande agitação; teem havido manifestações populares, em que se tem proclamado Carlos Alberto rei da Italia.

— Em Napoles continua a guerra civil; a Calabria está em insurreição completa. A Sicilia, já separada de Napoles, e com um governo seu, apoia os insurgidos. A republica franceza reconheceu o governo siciliano.

— No dia 5 abriu-se a assembléa legislativa em Roma: o Papa foi representado pelo cardeal Altieri.

ALEMANHA.

A assembléa de Berlin foi agitada por um tumulto popular: Bektends propoz que se declarassem benemeritos da patria os combatentes de Marco; e logo depois uma deputação de povo invadiu a antecamara da sala da assembléa « para obrigar, dizia ella, a assembléa a reconhecer a revolução. » A deputação foi expulsa pela força; mas o ministro d'Arnim e muitos deputados foram insultados.

— Em Vienna havia esperanza de que o imperador que, como se sabe, se tinha recentemente retirado para Innsbruck, voltasse. Dois ministros Wessenberg e Doblhoff tinham chegado a Innsbruck, e dizia-se que o imperador estava resolvido a voltar com elles para a capital do imperio.

RUSSIA.

— Fazem-se neste imperio grandes preparativos militares. A circulação das idéas é impedida por todos os modos, a ponto de se ignorarem alli a maior parte dos acontecimentos, que teem tido lugar no centro da Europa.

Este jornal publica-se todas as semanas.

Assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de Lavado n.º 8; na de Lemos n.º 127; Bortallo n.º 195; Arcejas n.º 85; Carvalho, ao Chiado n.º 2; e Torcato, rua do Ouro n.º 113.

Preços da assignatura.

Por um anno	2,880 réis.
Por seis mezes	1,840 réis.
Por tres	720 réis.
Avulso	70 réis.

NOTICIA IMPORTANTE.

POR UMA LEI, JÁ DISCUTIDA EM AMBAS AS CAMARAS, OS JORNALIS LITTERARIOS VÃO FICAR ISEMPOTOS DE PAGAR PORTE DE CORREIO.

NA IMP. DA EPOCA. — TRAVESSA DO GUARDA MOR N.º 8.